

Entrevista com **Júlio César Carvalho**, membro do CAPS Mangaratiba, vendedor de livros e barman.

**1) Qual a sua posição a respeito da Reforma Psiquiátrica e do Movimento de Luta Antimanicomial?**

Eu acho que a Reforma avançou muito nos últimos tempos e a Luta Antimanicomial tem ajudado muito os usuários com benefícios como o passe-livre, a lei de volta para a casa... são muitos os avanços, né?

**2) E como você sente esses avanços?**

E eu me sinto um privilegiado, estando no meio de pessoas portadoras de transtornos mentais, mas que podem ser úteis para a sociedade.

**3) Que tipo de entendimento você faz quando alguém lhe trata por “usuário de saúde mental” dentro do contexto da Reforma Psiquiátrica e do Movimento pela Luta Antimanicomial?**

Nenhum, porque eu realmente sou um usuário de saúde mental, né? Eu me vejo no lugar em que eu estou mesmo, no lugar que Deus me deu e que eu mereço. Me vejo no lugar de portador de transtorno mental.

**4) Você já esteve sob regime de internação psiquiátrica? Você pode falar um pouco sobre essa experiência?**

Estive internado dez vezes. Minha primeira internação foi muito ruim, né? Fui amarrado, tomei muito injeções com doses fortes, levei eletro-choque. Isso foi depois da oitava internação em Sepetiba. Eu ficava muito triste, porque não merecemos eletro-choque, já que podem dar o remédio para melhorarmos.

**5) Você atualmente faz parte do CAPS de Mangaratiba. Qual é a sua visão sobre o modelo assistencial dos CAPS?**

É diferente daquele modelo antigo de internação no manicômio direto. Aqui a gente se trata de dia e, à noite, vai para casa; faz terapia aqui no serviço, faz artesanato, pintura, tudo em geral. E essas atividades são importantes porque permitem a geração de renda, e temos dinheiro para comprar nosso cigarro, tomar nosso cafezinho...

**6) Muitas ações têm sido desenvolvidas no sentido de promover a inclusão social dos usuários através do acesso à arte, à cultura e a emprego. Como você analisa esse contexto?**

É muito difícil para a gente, usuário, ser inserido no mercado de trabalho. E a oficina de geração de renda tem possibilitado isso. Eu vejo dessa forma.

**7) Você é usuário e está inserido no mundo do trabalho como barman. Qual a importância dessa inserção para você?**

É importante estar participando da felicidade das pessoas, né? Porque o barman faz um pouco de fantasia para as pessoas com o álcool, porque, com ele, as pessoas ficam mais felizes, mais alegres, mas dentro do limite. Quando eu vejo que o álcool já está passando dos limites, eu peço para dar uma paradinha, para não fazer mal. Eu trabalho em exposições, festas... Pelo CAPS, vendo livros para a Fiocruz também.

**8) Você considera importante a participação dos usuários, familiares de usuários e da comunidade no processo de Reforma Psiquiátrica?**

Acho bom porque isso evoluiu a gente, né? Eu tenho ido a reuniões da Luta Antimanicomial, tenho participado de Congressos, tenho trazido novidades para o CAPS, tenho me fortalecido bastante e a eles também. A comunidade é legal, eles brincam com a gente, eles participam,

vem aqui nas festinhas, tem participado bem. Meus familiares auxiliam, minha mãe e minha irmã me ajudam bastante.

**9) Você pode me contar sobre a sua história?**

Eu trabalhava na Sharp, em Brasília, e comecei a imaginar um monte de coisa, que as pessoas queriam me matar. Eu pedi demissão e vim embora para Mambucaba, na Serra. E lá tive meu primeiro surto: via animais grandes, como pavão, cobra, tigre, e me debatia contra eles. Aí, me internei em Santa Cruz e fiquei 11 anos no CAPS de Santa Cruz. Hoje estou há um ano e meio no CAPS de Mangaratiba. Em Santa Cruz, fiquei internado três meses. Não me lembro de todas as dez internações.

**10) Na sua avaliação, o que você considera que falta para ver seus direitos de cidadania garantidos?**

Eu acho que todo portador de transtorno mental e de doença crônica tem de ter o direito a uma renda familiar, uma renda para se manter. Para mim, o que falta é um salário, é o governo me dar um salário para eu ter uma vida mais digna.

**14) Qual a sua expectativa com relação à IV Conferência de Saúde Mental?**

Estou com muitas expectativas, esperando um lugar para eu poder participar como usuário e como militante do Movimento de Luta Antimanicomial. A partir da Conferência, pode mudar esse modelo de CAPS, de CAPS de portas abertas, um CAPS mais direcionado.